



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

**Resenha****Atlas linguístico do Paraná: ALPR II****Por:** Michelli Cristina Gallimard<sup>62</sup>  
michelli.galli@ifpr.edu.br

Fabiane Cristina Altino, professora da Universidade Estadual de Londrina possui experiência em Letras com ênfase em dialetologia e possui pós-doutorado pela Universidade Paris 13 – França. Sua tese de doutorado defendida no ano de 2007, faz um resgate e análise dos dados coletados pela pesquisadora Vanderci de Andrade Aguilera, responsável pela organização e publicação do Atlas Linguístico do Paraná - ALPR, que não foram contemplados na primeira publicação em 1994.

Os primeiros estudos sobre os falares paranaense, com finalidade acadêmica, foram impulsionados principalmente pela Universidade Federal do Paraná. Concluído em 1990 e publicado em 1994, o ALPR compõe-se de 92 cartas lexicais, 70 fonéticas e 29 de isoglossas.

Altino inicia sua tese, já na introdução, fazendo uma descrição do trabalho e listando as contribuições pretendidas. Ressalta o quadro das variedades do português brasileiro e afirma que a Língua Portuguesa apresenta muitas diferenças dialetais, a maioria ainda não descrita cientificamente, e essas

---

62 É mestranda em Letras, na Linha de Pesquisa de Linguagem e Sociedade na Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE e graduada e licenciada em Letras Português-Espanhol pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. É servidora pública federal, docente EBBT, lotada no Instituto Federal do Paraná – IFPR, na cidade de Assis Chateaubriand/ PR. É professora e pesquisadora-efetiva do Grupo de pesquisas Filosofia, Ciência e Tecnologias – IFPR, atuando nas Linhas de Pesquisa de Educação, cognição e linguagem e de Idioma Internacional Neutro – Esperanto. Desenvolve como integrante o Projeto de Extensão de Idioma Internacional Neutro – Esperanto, o Clube do Livro, o Cinema na Escola: um olhar crítico para a sétima arte. É autora da Monografia intitulada “A escrita na alfabetização: a questão do ‘erro’” (2008).

*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

diferenças têm servido para identificar e marcar geograficamente e socialmente os usuários da língua.

Há muitos estudos do português brasileiro, registros mostram que em decorrência das marcas geográficas e sociais existem as formas de maior e de menor prestígio. Devido ao valor social agregado às formas linguísticas o uso da norma padrão ganha força, na medida em que as variedades de menor prestígio são consideradas inferiores e erradas. A autora destaca que a cultura que antes era regional e particular, com costumes peculiares, a partir do contato constante com o mundo através da mídia, dá lugar a uma nova era da comunicação, mais exigente e formal.

As mudanças que ocorrem na língua não são de forma homogênea, mas sim, lentas e graduais. Assim, conforme a autora, a tarefa de um dialetólogo é buscar as diferenças regionais verificando as características sócio-históricas que cada comunidade apresenta e averiguar se essas características se refletem nas diversidades geográficas e, a partir disso obter o retrato linguístico.

A necessidade de estudos dos falares do Brasil é uma preocupação existente . Em 1976, Amadeu Amaral, ressalva a importância dos estudiosos da linguagem na dedicação à coleta de elementos da fala em cada uma das regiões do Brasil. Silva Neto e Cunha, em 1957, afirmavam a necessidade e urgência de estudos dialetológicos pelo método geolinguístico, ressaltando a importância da elaboração de atlas regionais que investigassem, mais detidamente, as variantes de cada região do Brasil.

Para a autora, os atlas regionais auxiliam na reconstituição das fases da língua, fornecendo uma visão sincrônica e diacrônica, ao mesmo tempo.

O objetivo do trabalho realizado por Altino foi cartografar os dados



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

coletados para a pesquisa de Aguilera e que não foram contemplados no Atlas Linguístico do Paraná – ALPR e dar continuidade aos estudos iniciados pela pesquisadora, possibilitando o acesso ao *corpus* coletado na íntegra.

A tese está dividida em quatro capítulos: *estudos dialetológicos sob método geolinguístico: como tudo começou; fundamentação teórico-metodológica; a análise dialetométrica e da natureza dos dados: o glossário*. Cada um deles trata de maneira particular destes temas de forma a alcançar a compreensão dos leitores.

O primeiro capítulo é um apanhado sobre os estudos dialetológicos tendo como método a geolinguística, a autora inicia a discussão trazendo as principais citações de estudiosos da área. A Dialectologia tem como objeto de investigação a variação linguística geográfica ou diatópica, procurando documentar, descrever e comparar variedades regionais de uma língua. A partir dessa definição, Altino relata a recolha dos dados para a investigação dos dialetos falados na Alemanha. O precursor deste trabalho foi Georg Wenker que durante 10 anos recolheu dados para a elaboração das cartas linguísticas. O estudioso iniciou sua pesquisa investigando, pelo método de correspondência, pontos do território de fala alemã, e publicou um fascículo com 10 mapas, elaborados a partir dos primeiros resultados da pesquisa.

A autora destaca ainda, as contribuições de Gilliéron, considerado o fundador da Geolinguística, que em 1897 iniciou sua investigação linguística dentro de uma determinada área geográfica, dando aos estudos uma forma sistematizada de coletar dados. Gilliéron, iniciou a ideia do atlas que contemplasse todo o território francês e confiou o trabalho da coleta de dados a um amigo sem formação linguística. O *Atlas Linguistique de la France – ALF*, foi publicado no final do século XIX em diferentes fascículos que agrupou 1920 mapas, 1421 cartas



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

completas e 499 parciais.

Além do ALF, o Atlas Linguístico da Itália e da Suíça Meridional – AIS reuniu estudos sobre a língua falada em 407 pontos da Itália e Suíça Meridional, trabalho comandado por Karl Jaberg e Jakob Jud (1928 -1940). Referente ao AIS, a autora faz a ressalva sobre o número de informante em cada ponto.

A exemplo dos estudos realizados por Gilliéron e Jaberg e Jud, vários outros atlas nacionais e supranacionais foram publicados, neles narrações da história de suas línguas foram resgatadas e recontadas. Recebe destaque no capítulo, o *Linguistic Atlas of New England* pelo seu diferencial no critério para escolha dos informantes. O atlas é constituído de 734 cartas e a escolha dos informantes envolvidos levou em consideração o aspecto geográfico e o social. Para a seleção dos informantes estabeleceram três critérios, níveis de escolaridade: i) pouca instrução formal e contato social; ii) instrução média, familiaridade com leitura e contatos sociais mais amplos que o grupo anterior; iii) instrução superior, com contato social maior que a faixa anterior e habituados com a leitura; faixas etárias: i) idosos, geralmente acima de 70 anos e ii) jovens.

Após ampla explanação a respeito dos atlas publicados, o primeiro subcapítulo trata da dialetologia no Brasil. Altino faz um resgate à tradição dialetológica no Brasil, inicialmente, com os estudos de Domingos de Borges e Barros (1826). Em 1920, Amadeu Amaral, com a publicação de *O Dialeto Caipira*, marca uma nova fase para os estudos, seguida de estudos que dedicaram-se a retratar a realidade linguística brasileira.

Em 1952, é publicado o decreto 30.643 que previa a elaboração de um atlas linguístico em que os falares brasileiros fossem identificados, é a partir dessa fase fecunda que os estudos da Dialetologia ganham espaço nos estudos



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

linguísticos do Brasil. O *Guia para Estudos Dialetoológicos* (1957) de Serafim da Silva Neto e *Bases para a Elaboração do Atlas Linguístico do Brasil* de Antenor Nascentes, são frisados pela autora como obras fundamentais para os estudos dialetológico. O segundo subcapítulo trata dos trabalhos sob o método Geolinguístico que se iniciam na década de 50, tendo como referência o *Atlas Prévio dos Falares Baianos – APFB*, primeiro atlas estadual brasileiro.

Nos demais subcapítulos, a autora ilustra as trajetórias dos atlas linguísticos brasileiros. As obras publicadas trazem as mudanças por que passaram os estudos dialetológicos, podendo dividir os atlas em três grupos distintos: monodimensional, bidimensional e pluridimensional. Os atlas monodimensionais, como é o caso do *Atlas Prévio dos Falares Baianos – APFB*, *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais – EALMG*, *Atlas Linguístico da Paraíba – ALPB* e *Atlas Linguístico da Região Sul – ALERS*, estão focados na dimensão espacial. Esses atlas apresentam uma metodologia cuja identificação da diversidade do uso da língua se dá dentro de uma determinada área geográfica.

Aprimorando os atlas monodimensionais, a metodologia dos atlas bidimensionais, além da dimensão geográfica, contempla outra dimensão, podendo ser diagenérica ou diageracional. No grupo dos atlas bidimensionais estão o *Atlas Linguístico de Sergipe – ALSE I e II* e o *Atlas Linguístico do Paraná – ALPR*. Já os atlas pluridimensionais, primam não somente a dimensão geográfica, mas também duas ou mais dimensões sociais: diastrática, diageracional, diassexual ou diagenérica, entre outras. O primeiro atlas brasileiro de cunho pluridimensional é o *Atlas Linguístico Sono do Pará – ALISPA*.

A autora faz uma ressalva às palavras de Thun que afirma a combinação entre a dialetologia pluridimensional com a sociolinguística como uma união para



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

converter o estudo tradicional em espaço para a variação linguística.

Há ainda, os atlas linguísticos estaduais concluídos e ainda não publicados por estarem em fases de desenvolvimento, dentre eles a autora cita o *Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM*. Além, desse, há mais seis atlas regionais em andamento: *Atlas Linguístico do Rio Grande do Norte – AliRN*, *Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul – ALMS*, *Atlas Linguístico de Rondônia – AliRO*, *Atlas Geossociolinguístico do Pará – AliPA*, *Atlas Linguístico do Maranhão – ALIMA* e *Atlas Linguístico do Espírito Santo – ALES* que é bidimensional, os demais são todos pluridimensionais.

Em relação ao *Atlas Linguístico do Brasil – ALIB*, a pesquisadora elucida sobre a preocupação em se descrever a língua portuguesa falada no Brasil, pois a cada atlas elaborado e publicado contata-se as diferenças e as semelhanças entre falares de diferentes regiões brasileiras. Divido em quatro etapas distintas, o ALIB pode ser entendido como “grupo de subprojetos integrados e vencíveis cada um no devido tempo” (CARDOSO, 2006, p.30).

As quatro etapas foram definidas como i) concepção e definição da metodologia; ii) trabalho de campo ou, também denominada, coleta de dados; iii) término das transcrições e análise dos dados, já iniciadas na fase anterior e iv) editoração e publicação dos materiais.

Após uma abordagem de extrema importância para a compreensão dos caminhos percorridos pelos estudos dialetológicos, a autora faz um relato sobre o cenário do Paraná, estado pioneiro na investigação dos dialetos. O estudo sobre o português falado no Paraná, de natureza acadêmica, pode ser dividido em duas fases: final do século XIX até a década de 40 do século XX e início da década de 50 do XX até os dias atuais.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Em 1844, o livro de memórias de José Correia Coelho relata suas experiências em viagens pelo Paraná, fazendo alusão à influência do espanhol na fala paranaense. Os estudos a respeito do léxico tomaram forma a partir do Primeiro Congresso da Língua Nacional Cantada. Dentre os estudos da fala paranaense, Altino destaca o *Aspecto linguístico da fala londrinense: esboço de um atlas linguístico de Londrina – EALLO*, coordenado e organizado por Aguilera.

O segundo capítulo, aborda a fundamentação teórico-metodológica utilizada na consolidação do trabalho: método geolinguístico. A geografia linguística, como defendida por muitos estudiosos da dialetologia, busca nas regiões geográficas e nos diferentes níveis sociais a evolução do funcionamento da língua. À geografia linguística a pesquisadora aplicou o método quantitativo dialetometria, que, enfatizado por ela, permite abordar uma enorme quantidade de dados, auxiliando na visão geral da variação geográfica das línguas, na busca de padrões de variação.

Nas considerações sobre o ALPR, Altino destaca os objetivos de Aguilera na realização do estudo: i) cartografar as variantes lexicais, as variantes fonéticas, a delimitação de isoglossas e ii) organizar um glossário. Como resultado, foram apresentadas 191 cartas geolingüísticas.

A metodologia utilizada foi da Dialetologia Tradicional. A rede de pontos levou em consideração os fatores etnogeo-históricos de cada um deles, incluindo a data de fundação. O questionário estruturado foi norteado pelo questionário do Atlas Linguístico do Estado de São Paulo – ALESP, com algumas modificações posteriores. Os inquéritos foram realizados entre 1985 e 1989. Para a seleção dos informantes os critérios respaldaram-se em Nascentes (1958) e na Dialetologia tradicional, foram selecionados 130 informantes, dois em cada ponto



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

definido na rede de pontos.

A metodologia da entrevista foi *entrevista estruturada* abordando questões linguísticas e sócio-históricas. Em seguida à coleta de dados, o *corpus* coletado foi transcrito, levando em consideração dois critérios: i) manutenção da fala do informante com marcações de elementos de linguagem oral e ii) a fala do inquiridor foi transcrita de acordo com a norma padrão, dentro das convenções ortográficas, independente das realizações efetivamente ocorridas, essa postura foi adota por não haver interesse no estudo, o desempenho linguístico do inquiridor. A transcrição fonética seguiu o Alfabeto Fonético Internacional – IPA, com algumas adaptações.

A apresentação das cartas está sistematizada da seguinte forma: i) cartas lexicais, ii) cartas fonéticas e iii) cartas isoglossas ou sintáticas.

Essas considerações são a base da tese de Altino, uma vez que o *corpus* do seu estudo são os dados não contemplado no primeiro volume do ALPR.

Altino apresenta a organização do seu estudo com algumas considerações e modificações, diferenciando o ALPR II do primeiro volume publicado em 1994. Enfatiza ainda que passados quase 20 anos da coleta de dados, outras possibilidades de leitura do *corpus* foram feitas. Importante destacar a ressalva feita ao método dialetométrico que, como já citado anteriormente, permite abordar uma enorme quantidade de dados.

Devido seus aspectos históricos, a constituição da população de cada localidade é refletida no perfil linguístico do informante.

Após a explanação sobre a organização do trabalho, a autora chama a atenção para particularidades de alguns municípios que fazem parte da rede de pontos. Marechal Cândido Rondon foi constituída, em sua maioria, por

*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

descendentes de alemães. Guaíra já pertenceu ao Paraguai, cruzaram por ali bandeirantes e padres jesuítas. Assis Chateaubriand atraiu agricultores de vários pontos do Brasil. Cascavel teve como primeiros colonos, atraídos pela agricultura, os imigrantes vindos de Guarapuava e posteriormente, outros sulistas descendentes de alemães. Foz do Iguaçu, cidade fronteiriça, habitada por paraguaios, brasileiros e argentinos.

A constituição da história paranaense está marcada pela mineração, agricultura e agropecuária. Em cada região paranaense há um motivo específico que atraía a atenção dos colonizadores, as colônias formadas por imigrantes e migrantes estimulou a movimentação dentro do estado, chegaram pessoas de diversas regiões do Brasil e do mundo. Com a comercialização dos produtos agrícolas e animais, estradas foram abertas ligando o norte ao sul do estado.

Quanto à história do Paraná, a autora finaliza destacando a constituição étnica do estado como um dos prováveis responsáveis pelas similaridades e diferenças dos falares paranaenses. E, Por fim, no capítulo 4, apresenta dados referentes à composição do glossário.

Com o primeiro volume do ALPR em 1994 e com a tese defendida por Altino em 2007, foram utilizados 94,5% dos dados coletados. Os demais 5,0% serviram de fonte para inúmeros trabalhos monográficos.

Altino, em suas considerações finais, destaca a importância de seu trabalho para o desenvolvimento de outros estudos acerca da língua portuguesa falada no Paraná. A tese foi defendida em 2007 e de lá para cá, outros estudos foram realizados a respeito dos falares paranaenses.

Vanderici de Andrade Aguilera, renomada pesquisadora da dialetologia, deixou inúmeras contribuições para estudos posteriores. Os dados presentes no



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

ALPR fornecem informações preciosas a respeito dos caminhos percorridos pela língua portuguesa brasileira para a consolidação dos falares do estado do Paraná e, sustentam estudos atuais da fala paranaense.

**Altino provou com sua tese que é possível, por meio de uma nova metodologia, delimitar as diferenças e semelhanças linguísticas dos falantes paranaenses. Trabalhos como esse aprimoram os estudos da linguagem e contribuem para o retrato da dialetologia no Brasil.**